


O LEGADO DE MÔNICA CAVALCANTE PARA A LINGUÍSTICA TEXTUAL BRASILEIRA*

Valdinar Custódio Filho**

 <https://orcid.org/0000-0001-7704-8836>

Vanda Maria Elias***

 <https://orcid.org/0000-0002-7517-4131>

Como citar este artigo: CUSTÓDIO FILHO, V.; ELIAS, V. M. O legado de Mônica Cavalcante para a linguística textual brasileira. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETDO17163>.

Submissão: 22 de maio de 2024. **Aceite:** 10 de junho de 2024.

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar as linhas gerais da proposta teórico-metodológica de Mônica Cavalcante para a linguística textual, com foco na coerência em contexto. A apresentação destaca quatro fatores definidores das relações contextuais: discurso, argumentação, contrato comunicativo e tecnodiscursividade. O modo como tais elementos se imbricam é ilustrado por meio de uma análise sobre um vídeo postado em redes sociais. Além disso, mostra-se, também, o impacto das ideias da autora nas relações entre linguística textual e ensino de língua portuguesa.

Palavras-chave: Texto. Coerência. Contexto. Linguística textual. Ensino de língua portuguesa.

* A principal motivação deste artigo é, a partir de uma construção discursiva típica da produção acadêmica em linguística textual, prestar uma justa homenagem à professora Mônica Magalhães Cavalcante (1962-2024), que tão cedo nos deixou. É justo, também, que ele seja dedicado à professora Mariza Angélica Paiva Brito, companheira de vida e de projeto acadêmico. Muitas das ideias da professora Mônica só puderam ser conhecidas pelo trabalho incansável de bastidor da professora Mariza, grande interlocutora, incentivadora e realizadora.

** Universidade Estadual do Ceará (Uece), Fortaleza, CE, Brasil. *E-mail:* valdinar.fil-sho@uece.br

*** Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Guarulhos, SP, Brasil. *E-mail:* vanda.elias@unifesp.br

INTRODUÇÃO

■ **A** linguística textual (doravante LT) praticada no Brasil apresenta condições particulares de formulação teórica e operacionalização metodológica de tal modo que essa área ganha uma feição muito característica em nosso país. Isso se deve, principalmente, aos trabalhos de dois dos grandes precursores da LT brasileira: Ingedore Koch e Luiz Antonio Marcuschi¹. Além do inegável brilhantismo dos dois grandes mestres, une-os a preocupação em considerar os diversos aspectos atinentes à construção dos textos, tais como as condições “maiores” que se ligam aos gêneros e às sequências textuais e as condições “menores” que se revelam nas estratégias de textualização propriamente ditas². Também fazem parte do percurso acadêmico dos autores o didatismo expositivo, a busca por interfaces com diferentes propostas teóricas de autores estrangeiros e a preocupação constante com a incorporação dos pressupostos teóricos da LT às práticas de ensino de língua portuguesa no país³.

O legado de Koch e Marcuschi deixou relevantes marcas no modo de conduzir pesquisas em LT, influenciando uma ampla gama de pesquisadores. Destes, o nome mais emblemático talvez seja o de Mônica Magalhães Cavalcante. A produção acadêmica de Cavalcante, que, a nosso ver, se encontra no mesmo nível dos grandes teóricos, segue a tradição de seus mestres⁴ e sedimenta, por meio das atividades do Grupo Prottexto, um programa investigativo coeso para a área. Esse programa parte tanto do profundo conhecimento (e devido respeito) da pesquisadora sobre os pressupostos teóricos sedimentados quanto do trabalho diligente para fazer a teoria avançar, por meio, entre outros procedimentos, do diálogo interdisciplinar. Cavalcante não se furta de, a partir de *insights* poderosos, formular novos problemas e propor novas discussões, o que está no cerne da construção de explicações consistentes. Com isso, ela crava seu nome, de modo decisivo, na construção da LT de feição brasileira.

Este artigo tem como objetivo maior apresentar o quadro teórico proposto por Cavalcante para a configuração da LT como paradigma científico de investigação e descrição dos processos de coerência. Para tanto, organiza-se em duas seções (além da introdução e das considerações finais): na seção seguinte, focalizamos as concepções de Cavalcante sobre texto, contexto e coerência, realçando a capacidade da autora de interligar, com mestria, diferentes abordagens investigativas; na seção subsequente, apontamos a compreensão da pesquisadora sobre as aplicações da LT ao ensino, partindo da visão sobre como a teoria pode alimentar a prática didática.

Com isso, intentamos esquematizar as linhas gerais do pensamento da autora e de seus colaboradores, o que se presta a uma compreensão sobre o panorama atual da LT de feição brasileira, marcadamente interdisciplinar sem perder sua especificidade. Mais que isso, este artigo é uma homenagem à professora Mônica e uma apreciação sobre o seu legado. É fruto, sim, de uma exposição

1 Ao grupo de precursores, devem ser acrescentados os nomes de Leonor Fávero e Irandê Antunes.

2 Consideramos como estratégias as seguintes: “referenciação, organização tópica, intertextualidade, e outros recursos de expressão de pontos de vista, de marcação da impolidez e dos jogos polifônicos” (Cavalcante, 2023, p. 180).

3 Exemplos dos programas de pesquisa dos dois autores são as obras de Koch (2004), Koch e Elias (2006, 2009, 2016) e Marcuschi (2008).

4 A professora Mônica foi orientanda de doutorado de Marcuschi (Cavalcante, 2000) e de pós-doutorado de Koch (Cavalcante, 2003).

racional e orientada academicamente, mas talvez seja mais uma declaração de agradecimento por todos os ensinamentos que ela compartilhou com os autores deste texto, bem como com os muitos colegas, os privilegiados orientandos e os inúmeros alunos.

O TEXTO COMO OBJETO TEÓRICO: A QUESTÃO DA COERÊNCIA

O que particulariza o fazer científico da LT não é o texto propriamente (já que outras perspectivas teóricas também têm esse artefato como material de análise), mas a coerência, compreendida como unidade de sentido tributária e geradora de um contexto. Há, então, que se reconhecer, na obra de Cavalcante, as implicações decorrentes de como a coerência é conceituada. Esse entendimento demanda que tracemos um breve apanhado histórico sobre esse macrofenômeno.

A obra seminal de Beaugrande e Dressler (1981) propõe os conhecidos sete fatores de textualidade: coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade. Segundo os autores, coesão e coerência são fatores centrados no texto, ao passo que os demais são centrados nos usuários (sendo considerados, por isso, fatores pragmáticos). Cabe à coesão a parte mais formal do texto, entendendo-se formal como emprego de recursos linguísticos; enquanto à coerência compete a condição semântica, que responderia pela construção (compreendida, na obra dos autores, em ampla medida, como representação mental) de conteúdo significativo.

O aparato proposto por Beaugrande e Dressler (1981) localiza a coerência como um entre os demais fatores de textualidade. Isso implica que esse fator responderia apenas por uma parte da textualidade, e, conseqüentemente, apenas por uma parte da produção de sentidos. Koch e Travaglia (1989, p. 12, grifos nossos) sugerem uma visão mais ampla para o fenômeno:

A coerência é vista também como uma continuidade de sentidos perceptível no texto, resultando numa conexão conceitual cognitiva entre elementos do texto. Essa conexão não é apenas de tipo lógico e depende de fatores socioculturais diversos, devendo ser vista não só como o resultado de processos cognitivos, operantes entre os usuários, mas também de fatores interpessoais como as formas do falante na situação de fala, as intenções comunicativas dos interlocutores, enfim, tudo o que se possa ligar a uma dimensão pragmática da coerência.

Essa visão leva Koch (2004, p. 40) a postular que a posição de Beaugrande e Dressler (1981) é “bastante redutora”. Para a autora,

A coerência não é apenas um critério de textualidade entre os demais (e centrado no texto!), mas constitui o resultado da confluência de todos os demais fatores, aliados a mecanismos e processos de ordem cognitiva, como o conhecimento enciclopédico, o conhecimento compartilhado, o conhecimento procedural, etc. (Koch, 2004, p. 43).

O avanço proposto por Koch e Travaglia permite que se considere a coerência como algo mais que o reconhecimento da pertinência de um conteúdo. A título de ilustração, consideremos o seguinte enunciado:

DOSSIÊ

(1)

Em um cruzamento, um veículo vermelho bateu em um outro preto. O causador do acidente permaneceu ileso. Já no outro carro, uma pessoa tinha perdido a vida. Mesmo assim, ninguém foi punido por sua morte. (Referência propositadamente omitida.)

Em face da pergunta “Qual o conteúdo do enunciado?”, entendemos que há uma resposta facilmente recuperável: há o relato de uma colisão de veículos para a qual se menciona uma morte e a não punição do causador do acidente. Já para a pergunta “Qual o sentido do enunciado?”, a resposta não é tão imediata ou facilmente acessada. Essa pergunta – que, afinal, responde pela coerência do enunciado – demanda que se saiba um conjunto de informações, decorrentes de questionamentos, tais como “Em que situação o enunciado foi proferido?”, “Quem produziu o enunciado?”, “Com que o objetivo o enunciado foi produzido?”⁵.

Uma possibilidade de resposta seria considerar que o enunciado compreende parte de um texto noticioso, em que o repórter pretendia fazer um relato de um crime de trânsito para, direta ou indiretamente, criticar a impunidade ganha pelo perpetrador do crime⁶. Nosso contato com o enunciado, todavia, faz emergir outras respostas para complementar o contexto de produção, já que ele faz parte do texto a seguir:

(2)



Fonte: Harder (2019).

- 5 Os questionamentos, na realidade, responderiam pela descrição da enunciação (Benveniste, 2006) – situação concreta em que um enunciado é proferido.
- 6 A título de curiosidade, no momento de produção deste artigo, ganhou destaque na mídia impressa, radiofônica e televisiva o caso de um jovem de 24 anos que, dirigindo um Porsche em alta velocidade, causou um acidente que resultou na morte do motorista do outro veículo. O contato com o enunciado proposto em (1), “limpo e seco”, sem mais informações, poderia remeter a esse episódio.

O enunciado faz parte da carta de um jogo, *Histórias enigmáticas*, no qual um dos jogadores lê o conteúdo da frente e do verso da carta, informa um mistério a ser desvendado (o enunciado da frente da carta) e responde (com “sim”, “não” ou “não importa”) às perguntas dos demais jogadores, até que estes consigam desvendar o mistério, chegando a um conteúdo próximo ao do verso da carta. Essa dinâmica dá conta da compreensão do enunciado proposto em (1), o que mostra que compreender a condição semântica de um enunciado não é suficiente para a construção da coerência.

Procede, pois, o direcionamento de Koch e Travaglia com o intuito de elevar a coerência a uma posição de “comando” sobre os demais fatores – coesão e fatores pragmáticos. A coerência é conceituada, então, como uma condição, de fato, cognitiva, mas, ao mesmo tempo, linguística e pragmática, sempre dependente da situação comunicativa e da ação dos sujeitos que participam da interação via texto. Cavalcante parte dessa ideia, amplia-a e a complexifica, construindo, com isso, um arcabouço teórico de grande consistência, a partir do qual todas as esferas e componentes ligados ao texto recebem um tratamento que os coloca a serviço da coerência.

Com Cavalcante *et al.* (2022, p. 15, grifo nosso), aprendemos que “O tratamento analítico de um texto, para a linguística textual, pressupõe a integração de um conjunto de aspectos que respondem por sua *coerência em contexto*”. De certo modo, a análise de (1) e (2) mostra o papel preponderante que o contexto exerce na atribuição da coerência, e a reflexão já engendrada por Koch e Travaglia (1989) e Koch (2004) é suficiente para atestar essa relação. A contribuição de Cavalcante e seus colaboradores vai além, pois reside na proposta aprofundada sobre o estatuto teórico do *contexto* para a LT da atualidade. Para tanto, a autora procede a um minucioso trabalho de construção de interfaces, com o cuidado de fazer justiça às ideias originais de autores de outras áreas, ao mesmo tempo que busca manter a especificidade dos procedimentos analíticos da LT.

A partir desse direcionamento, o contexto é proposto como uma dimensão da interação que, indo além da materialidade semiótica dos enunciados, define a significação destes, a partir de quatro “aspectos” (por falta de termo melhor) constituintes da textualização: o discurso, a argumentatividade, o contrato comunicativo e a tecnodiscursividade.

O *componente discursivo* da coerência é importante na medida em que se assume o caráter intrinsecamente histórico dos sujeitos e de seus enunciados. O processo de comunicação se pauta pela ação de sujeitos que tomam forma no corpo social em um determinado tempo e espaço, por isso reverberam condições culturais e socioeconômicas, assumindo papéis eivados de valores e crenças e integrados a construções ideológicas. A análise da coerência passa, portanto, pela consideração de que os sujeitos, por meio dos textos que produzem e compreendem, participam de relações de poder.

O discurso se presentifica nos textos por meio das relações de incorporação e emergência (Hanks, 2008). Conforme Cavalcante *et al.* (2022, p. 27), por um lado, “O texto circula em contextos dos quais incorpora saberes, valores e crenças de uma memória pré-discursiva”; isso implica que os textos são moldados pelas condições discursivas que têm de ser (re)afirmadas. Por outro lado, “a emergência diz respeito a como o texto se organiza e se expressa de maneira estruturada” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 27); daí resulta que não haja apenas reprodução irrestrita de valores, saberes etc., mas também atualizações (revalidando

ou contestando os valores já estabelecidos) condizentes com as particularidades de cada evento de comunicação. Esse movimento leva a concluir que

O contexto não se reduz, portanto, nem somente aos fatos, valores e crenças presentes na memória discursiva dos grupos sociais, nem somente à situação imediata de interação que dá uma sensação de presentificação do texto, mas à conjunção desses aspectos que, ao emergirem no acontecimento textual, são incorporados aos sentidos que os participantes da comunicação vão recriar (Cavalcante et al., 2022, p. 27).

A noção de *argumentatividade* que embasa a proposta de Cavalcante sustenta-se na teoria da argumentação no discurso, de Ruth Amossy (2011, 2018). Essa autora advoga que as interações humanas podem ser postas em um contínuo que compreende maior ou menor teor argumentativo.

Consideremos, inicialmente, uma condição constitutiva de todos os textos: ser concebido para afetar de algum modo o interlocutor, modificando os “modos de pensar, de ver, de sentir” (Amossy, 2011, p. 130). Essa busca pelo afetar pode ser definida como a dimensão argumentativa inerente a qualquer ato de linguagem. Assumamos, em paralelo a isso, que há textos marcadamente argumentativos, com o objetivo de propor ao interlocutor uma tese a ser aderida. Entendemos, desse modo, que, para alguns textos, há não somente uma dimensão argumentativa mais ampla, mas sim uma visada argumentativa mais direcionada.

Temos, então, que, sendo a dimensão argumentativa condição de qualquer texto, é preciso reconhecer a distinção entre a argumentatividade com visada (porque há uma tese) e a argumentatividade sem visada (porque, não havendo uma tese, permanece o intuito de gerar algum efeito no(s) interlocutor(es)). Além disso, é preciso reconhecer, também, uma gradação que vai do mais alto teor argumentativo (como se vê, por exemplo, em artigos de opinião e resenhas culturais) ao mais baixo teor (como ocorre, por exemplo, em listas de compras), passando por teores intermediários (como acontece, por exemplo, em romances e em textos noticiosos⁷). Com base nisso, Cavalcante *et al.* (2020) apontam que a configuração da coerência passa, então, pelo projeto de dizer do locutor, que é definido na argumentatividade (com ou sem visada) prevista para qualquer texto.

Esse projeto de dizer depende, também, do *contrato comunicativo* firmado entre os interlocutores, conforme propõe Charaudeau (2012, p. 1):

Não se pode reduzir o ato de comunicação a uma relação simétrica entre um emissor e um receptor; é necessário analisar as condições em que os sujeitos falantes reconhecem este direito recíproco de falar e construir sentido, para que o ato de comunicação se realize. Isso se dá em uma troca linguageira em que os parceiros reconhecem mutuamente o direito à palavra, ou seja, ambos entram em um contrato em que as partes buscam princípios, pertinência, influência e regulação comuns.

O reconhecimento ao “direito recíproco de falar e construir sentido” é institucionalmente marcado, de modo que os indivíduos assumem o papel de sujeitos da linguagem considerando as condições sociais de sua participação. Essas

⁷ Há vasta literatura que atesta a dimensão argumentativa (ainda que esse termo não seja usado) de gêneros/textos diversos. Pensemos, por exemplo, na não neutralidade do signo linguístico (Bakhtin/Volochinov, 1997) e na formulação de pontos de vista em narrativas (Rabatel, 2016).

condições determinam, segundo Charaudeau (2019), dois espaços: o espaço externo do fazer, que é definido pelo projeto de dizer do(s) locutor(es); e o espaço interno do dizer, que se fundamenta nos recursos linguageiros mobilizados com vistas à materialização do projeto de dizer. A proposta é esquematizada por Charaudeau (2019) por meio do circuito comunicativo.

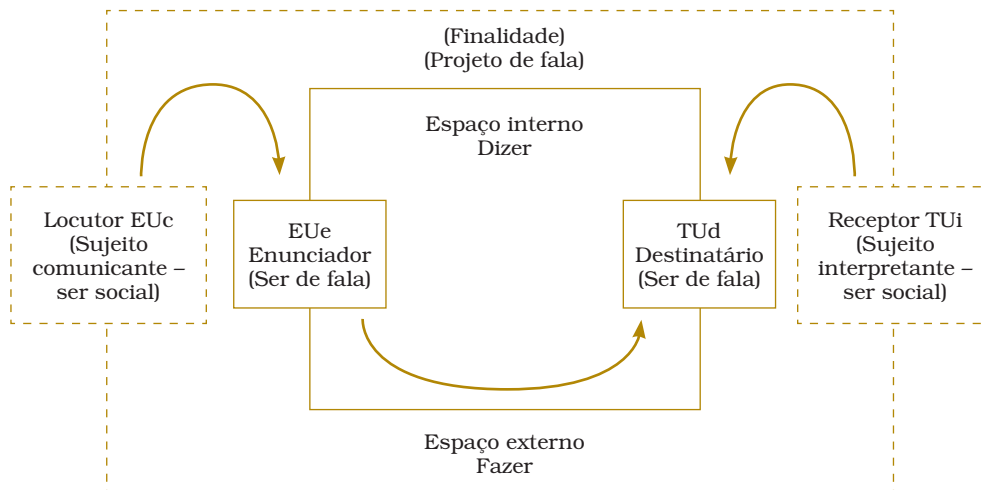


Figura 1 – Circuito comunicativo⁸

Fonte: Charaudeau (2019).

Por fim, para Cavalcante *et al.* (2022), a coerência é tributária, também, da *tecnodiscursividade*. Paveau (2020) entende que a tecnologia digital transforma os processos de comunicação de forma definitiva, o que a faz propor, no seio da análise do discurso, um paradigma investigativo que salienta as interferências mútuas de sujeitos, discursos, linguagens e meios tecnológicos. Isso acarreta uma série de características⁹ intrínsecas às interações no ambiente digital.

Desse modo, as várias questões humanas e sociais passam, obrigatoriamente, pela compreensão das interações experienciadas por meio da internet. A título de ilustração, mencionamos o trabalho de Cavalcante, Brito e Custódio Filho (2023), que destaca as especificidades da ciberviolência. Se, por um lado, “as relações sociais se modificaram com o advento das interações *on-line*, mas isso não significa que elas tenham deixado de se conduzir por normas de boa convivência e civilidade” (Cavalcante; Brito; Custódio Filho, 2023, p. 96), por outro, “A natureza rápida e efêmera das interações nas redes sociais, fóruns e outros espaços *on-line* pode impulsionar a impulsividade e a falta de reflexão antes de se expressar” (Cavalcante; Brito; Custódio Filho, 2023, p. 97). Há, então, um terreno propício para a prática nociva da ciberviolência. O trato das relações de coerência, e dos efeitos dos sentidos na vida das pessoas, precisa, portanto, passar pelas importantes questões impostas pelos desafios sociais decorrentes das digitalidades.

⁸ As funções de locutor, enunciador, receptor e destinatário encontram-se descritas em exemplo analisado posteriormente.

⁹ As características são a composição, a deslinearização, o aumento, a relacionalidade, a investigabilidade e a imprevisibilidade (Paveau, 2021).

Portanto, se, a partir de Koch e Travaglia (1989), a coerência deixa de ser apenas semântico-linguística e passa a ser pragmática, com Cavalcante *et al.* (2016, 2019, 2020, 2022), ela passa a ser fundamentalmente argumentativa e (tecno)discursiva, sendo o contexto uma construção multifacetada, determinado e determinante dos modos de interação (Muniz-Lima, 2022). Nesse âmbito, o contexto, para a LT, conforme as ideias de Cavalcante e seus colaboradores, se reveste de uma complexidade consistente com a desafiadora tarefa de análise da coerência. Isso pode ser retomado pelas palavras da própria autora:

Hoje, no Protexto, temos partido do pressuposto de que as relações de sentido que conferem ao texto unidade de coerência são construídas numa interação comunicativa, encenada por locutores e interlocutores que desempenham papéis sociais em dado contexto sócio-histórico, que se hibridiza com o ambiente digital (Cavalcante, 2023, p. 173).

Vejam os aspectos contextuais propostos podem ser aplicados à análise textual. O exemplo a seguir¹⁰ consiste na reprodução da parte verbal de um vídeo, gravado em celular, postado em um grupo de WhatsApp, tendo sido visualizado por um dos autores deste artigo em 4 de outubro de 2022, dois dias após o domingo de votação do primeiro turno das eleições presidenciais brasileiras.

(3)



(Prints de cenas de vídeo recebido por WhatsApp.)

[Locutor em plano fechado (do tórax para cima), olhando para a câmera de celular (primeiro *print*), falando com voz infantilizada.]: Ô meu Deus do céu! Que carinha é essa, hein, meu amor? Achou que ia ser fácil, é? Nê fácil não. Vamo, levanta essa cabeça, ajeita esse picumã, hã... Achou o quê? [Locutor deixa de usar, predominantemente, o tom infantilizado.] Que Harry Potter ganhou do Voldermort na primeira briga? Não foi assim não. Teve briga que só pra ganhar, num foi? Então! Bora, tirar essa cara amarrada, que a gente tá ganhando, e o pessoal gosta de quem tá ganhando.

¹⁰ Uma primeira versão dessa análise foi proposta, inicialmente, como sugestão de resposta a uma questão de avaliação na disciplina Linguística de Texto, do curso de Letras da Universidade Federal do Ceará, no segundo semestre de 2022. Na ocasião, um dos autores deste artigo realizava seu estágio de pós-doutorado sob a supervisão da professora Mônica Cavalcante, responsável pela disciplina. A análise é relevante na medida em que contou com o endosso da própria Cavalcante.

Olha aí, o Palmeiras e o Flamengo têm um monte de torcedor novo porque tá ganhando. É assim mesmo, a gente tá ganhando, a gente tá na frente, tá bom? Vamo chamar os amiguinho, vamo conversar. O pessoal que votou no Cirão, na Tebet, o pessoal que não votou... Vamo trazer todo mundo, vamo? [Locutor volta a adotar tom mais infantilizado.] É assim mesmo, meu amor. [Locutor põe boné do PT (segundo *print*)] É assim, tá certo? Vamo nessa, que é 13? Vamo? [Corta para plano aberto. Locutor aparece de corpo inteiro, dançando um samba (terceiro *print*). Em *background*, escuta-se o refrão: “Erga essa cabeça, mete o pé e vai na fé, manda essa tristeza embora...”]

(Transcrição de vídeo recebido por WhatsApp.)

O exemplo (3), que tem como tema o resultado do primeiro turno das eleições presidenciais brasileiras de 2022, apresenta-se como um texto de visada argumentativa. O objetivo do locutor é “animar” parte considerável dos eleitores de Luiz Inácio Lula da Silva, os quais contavam com a vitória de seu candidato já nesse turno. Uma vez que não houve tal vitória, esses eleitores ficaram desanimados, decepcionados e preocupados (em parte porque, nas eleições para cargos legislativos federais e para os governos estaduais, houve votação expressiva em candidatos associados ao movimento opositor, de extrema direita). Ao mesmo tempo, o locutor pretende convocar essas pessoas para, no segundo turno, trabalhar a favor de Lula, tentando convencer eleitores que não votaram nesse candidato a votar nele. Vemos, assim, que a tese do texto é que os eleitores de Lula não devem ficar tristes e têm o compromisso de conquistar mais votos para o candidato.

É importante destacar que, em nenhum momento do vídeo, há menção explícita ao candidato Lula ou ao primeiro turno das eleições ou aos eleitores de Lula. Todos esses elementos do texto (referentes ou objetos de discurso) são construídos a partir da “integração de um conjunto de aspectos que respondem por sua *coerência em contexto*” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 15). É nesse sentido que se coloca que a coerência é resultado de um processo, no qual os elementos materiais do texto (linguagem verbal, visual e sonora) são tratados como veiculadores de sentidos discursivos. Vejamos.

O texto circulou nas redes sociais logo após o dia 2 de outubro de 2022 – data do primeiro turno das eleições. Essa é uma informação importante para a configuração da coerência. Considerando-se que boa parte da população brasileira estava bastante envolvida com o período eleitoral, é esperado que vídeos e outras postagens nas redes digitais tratassem das eleições. O locutor se dirige aos interlocutores, como já se disse, para dar-lhes ânimo. Para isso, traz dois argumentos: Harry Potter não derrotou Voldemort da primeira vez (“Teve briga que só”); e, na seara esportiva, as pessoas gostam de se associar aos times que estão ganhando.

Ao falar da saga Harry Potter, o locutor associa esse personagem (o herói) a seu candidato (Lula), ao mesmo tempo que associa Voldemort (o vilão) ao candidato que combate (Jair Bolsonaro). Ao mencionar que “o Palmeiras e o Flamengo têm um monte de torcedor novo porque tá ganhando”, o locutor sugere que eleitores que não votaram em Lula ou Bolsonaro tenderão a votar no primeiro, já que Lula saiu vitorioso no primeiro turno.

Nessa parte do vídeo, aliás, há uma menção explícita a referentes ligados às eleições – “Cirão” (candidato Ciro Gomes) e “Tebet” (candidata Simone Tebet).

Essas referências, junto com o uso do boné vermelho e branco com a estampa de uma estrela vermelha, contribuem para o reconhecimento da ancoragem do texto no contexto de que faz parte.

Portanto, o reconhecimento do momento histórico determina como os elementos textuais devem ser compreendidos. Contudo, isso não basta. Para se perceberem os sentidos do texto não só no que diz respeito à apreensão do tema, mas principalmente à sua razão de existir (a qual está atrelada à visada argumentativa pretendida), é necessário tratar o processo de coerência como resultado da *incorporação* e da *emergência*.

Por meio da incorporação, vimos que os sujeitos, na função de locutor, assumem um papel discursivo, decorrente dos valores e das ideias que serão veiculados, os quais se constroem com base nas relações de disputa pelo poder em um dado campo social. O texto produzido denota que seu locutor, ao defender Lula, *incorpora* o discurso atrelado ao posicionamento político de esquerda (ou, pelo menos, o discurso contrário ao posicionamento político representado por Jair Bolsonaro). É por esse viés que se estabelecem as relações com os exemplos da saga Harry Potter e do universo futebolístico. Então, ao se dirigir aos interlocutores, o locutor, imbuído dos valores que adota, busca convencê-los de que, para que esses valores prevaleçam, é preciso agir em busca de mais votos.

Ocorre que o locutor, para fazer valer sua função de sujeito discursivo, tem de construir um texto, ou seja, precisa mobilizar os diferentes tipos de linguagem com vistas a estabelecer um acontecimento interacional que traga o que se pretende/se deve/se pode comunicar aos outros. Isso corresponde ao movimento de *emergência* – a concretização de um projeto de dizer, com base nos valores, mas também nas condições concretas que definem cada situação de comunicação.

No caso em análise, essa concretização passa, além de pelos valores incorporados, pelo modo como o locutor pretende se mostrar ao interlocutor e pela consideração do *ambiente digital* de que lança mão para estabelecer a interação. Isso define, por exemplo, o tom humorístico do texto (presente no modo como o locutor fala com os interlocutores, em uma linguagem afetuosa, semelhante à que se usa com bebês) e a seleção dos enunciados em relação ao tempo de duração do texto (baseando-se no princípio de que, para que haja viralização, os vídeos devem ser curtos). Trata-se, portanto, de aspectos da *tecnodiscursividade* que definem a configuração textual-discursiva.

Quanto à importância do contrato comunicativo para a unidade de sentido, consideremos, inicialmente, que o locutor corresponde à fonte de um dizer (como se diz no circuito (Charaudeau, 2019), ao ponto de origem). É ele quem assume o poder de fala, quem instaura o processo interacional e quem mobiliza as linguagens para, no evento comunicativo, produzir o texto fruto de seu projeto de dizer. No exemplo (3), o locutor é o sujeito que aparece no vídeo conclamando a audiência a permanecer “animada” após o segundo turno.

O interlocutor (no esquema de Charaudeau, o receptor) compreende o sujeito (constituído na interação) a quem o locutor direciona seu texto e de quem esse locutor busca alguma reação. No exemplo (3), há como interlocutores as pessoas que terão acesso ao vídeo (por meio de alguma rede social), as quais, uma vez que entrem no circuito, assumem um papel social, o que as qualifica como *sujeitos*.

Tanto locutor quanto interlocutores, ao interagirem, põem em cena identidades sociais, que se pautam por condições discursivas. Essas identidades são moldadas, como já se disse, por ideologias – valores e crenças coletivos erigidos

em torno de um sistema de pensamento, o qual pode ser chamado de *formação discursiva*. Assumir uma identidade implica participar da interação de um certo modo, discursivamente orientado. Essa condição coloca locutor e interlocutores como enunciador e destinatários, respectivamente. Em outras palavras, a função de enunciador e destinatário diz respeito ao modo como, no próprio ato de linguagem, pontos de vista (Rabatel, 2016) são mobilizados e interpretados.

As identidades revelam papéis sociais. No caso do exemplo (3), o que se pode afirmar sobre o locutor é que o papel social assumido é o de um eleitor de Lula, usuário de alguma rede social. No contexto em que esse vídeo foi recebido (grupo de conversa de WhatsApp), não é possível saber mais sobre a identidade social desse locutor. Caso a interação com o texto ocorresse, por exemplo, no Instagram, seria possível, por meio do acesso a outros textos veiculados pelo sujeito, construir uma imagem social mais detalhada dele; seria possível reconhecê-lo como menos ou mais ligado à militância petista propriamente dita, como menos ou mais engajado na campanha eleitoral de 2022.

Quanto aos interlocutores, o locutor presume que estes assumam a função de eleitores de Lula, como ele. É para esse grupo que o texto é orientado, grupo que deverá compreender o vídeo e, por meio dos valores que compartilha com o locutor, tomar uma decisão sobre como agir durante a campanha de segundo turno. Contudo, em virtude de o texto ser divulgado no ambiente das redes sociais, por meio do princípio da *imprevisibilidade* (Paveau, 2021), nada impede que o texto seja acessado por sujeitos não eleitores de Lula. Nesse caso, é provável que, devido à identidade assumida por esses sujeitos, o papel social de eleitor se revele em um posicionamento diverso do esperado (ou seja, muda o sistema de valores do destinatário). O “chamamento ao trabalho” pode ser entendido como uma bobagem, uma inutilidade, entre outras possibilidades.

A análise proposta evidencia como o arcabouço teórico articulado por Cavalcante dá conta de uma explicação mais detalhada do processo de construção da coerência. Esse arcabouço, como se disse, resulta da iniciativa da pesquisadora em se aprofundar em estudos oriundos de outras áreas. De acordo com Cavalcante (2023, p. 180):

Sou muito aberta a interfaces teóricas, desde que elas se acomodem aos critérios de análise que tomamos por relevantes: circuito comunicativo, modos de interação, modalidades argumentativas, tipologia sequencial, tipos de práticas de gêneros, atravessamentos interdiscursivos, referência, organização tópica, intertextualidade, e outros recursos de expressão de pontos de vista, de marcação da impolidez e dos jogos polifônicos. Qualquer que seja a interface que tangencie nossos interesses precisa, creio, correlacionar-se a esses parâmetros de análise para configurar um estudo linguístico-textual nos moldes do Protexoto.

Vemos, então, que o projeto investigativo de Cavalcante é consciente da delimitação que justifica os diálogos com outras propostas. Não se trata de incorporar o aparato metodológico de outras vertentes, mas de alinhar os princípios relevantes dessas vertentes ao desvendamento da coerência. Falando especificamente de argumentação (mas não se limitando a essa interface), o direcionamento é evidente: “na TAD [teoria da argumentação no discurso, de Ruth Amossy], o texto é imprescindível à análise do funcionamento discursivo [...], mas sua organização não é em si mesma o objeto de suas investigações” (Cavalcante *et al.*,

2020, p. 36-37). Considerando-se que a LT “se preocupa em descrever e analisar o que confere a um dizer sua unidade de coerência” (Cavalcante *et al.*, 2020, p. 37), Cavalcante e seus colaboradores assumem que as análises em LT têm uma feição própria: amparam-se no aparato teórico da TAD para explicar o funcionamento textual, para apontar como as diversas estratégias de textualização operam na construção dos sentidos.

Por isso, os trabalhos conduzidos por Cavalcante investem na descrição das estratégias de referenciação, organização tópica, intertextualidades, instanciação de pontos de vista, entre outras, como efetivadas em um contexto robusto, no qual operam os fatores já apresentados. Se pensarmos na referenciação elaborada em (3), por exemplo, veremos que os objetos de discurso – “eleições presidenciais”, “Lula”, “Bolsonaro” – são formulados a partir de construtos diversos, presentes tanto na materialidade linguageira (palavras, imagens, recursos sonoros) quanto no contexto (tecno)discursivo e argumentativo. Essa mesma integração é observada em várias outras manifestações da textualização. Desse modo, acreditamos que a produção de Cavalcante permite que se tenha acesso a uma descrição robusta e pertinente de todos os temas tratados pela LT.

Isso acaba por encaminhar reflexões bastante interessantes sobre as propriedades da LT que podem assumir feição didática, conforme veremos na próxima seção.

A LT E O ENSINO, CONFORME CAVALCANTE

Estudos do texto realizados por Cavalcante à frente do grupo de pesquisa Prottexto, ao longo de mais de duas décadas, têm causado impacto tanto no campo das teorias do texto quanto no da aplicação ao ensino do texto.

Tendo em mente o propósito de fazer repercutir, na formação e atuação de professores, resultados das investigações sobre o texto, foram muitas as pesquisas realizadas sob a orientação de Cavalcante que se voltaram para analisar o texto em contextos de ensino e elegeram para investigação aspectos envolvidos na sua constituição e coerência.

A título de exemplificação, podem ser citadas as dissertações sobre a referenciação em textos escolares e suas adequações e inadequações (Custódio Filho, 2006); a referenciação e a multimodalidade em infográficos presentes em manuais didáticos de língua portuguesa (Teixeira, 2015), no âmbito do ProfLetras; e as teses de doutorado que tomam como objeto de análise a redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) para tratar da caracterização desse gênero textual (Oliveira, 2016); e para analisar a articulação tópica no processo de construção da coerência (Sá, 2018).

Essa finalidade maior de estabelecer a ponte entre teoria e ensino do texto orientou Cavalcante na produção de um numeroso conjunto de livros, capítulos de livros e artigos. Algumas dessas produções serão brevemente comentadas a seguir, no espaço permitido por este artigo.

Com o objetivo de discutir possibilidades de aplicação dos pressupostos teóricos da referenciação ao ensino de língua materna, a obra *Coerência, referenciação e ensino* (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014) privilegia o fenômeno da referenciação e suas características fundamentais, tema a que muito se dedicou Cavalcante e que a fez reconhecida como a grande especialista brasileira na temática. Apresentando propostas de atividade que focalizam o processo referencial

e funções que assumem os referentes (objetos de discurso) na produção da coerência textual, os autores oferecem importante contribuição para o ensino da leitura e da produção escrita.

As sequências textuais, sua classificação, o modo de organização e a funcionalidade em gêneros textuais são temas muito presentes nas investigações de Cavalcante. Nas três produções comentadas a seguir, Cavalcante indica avanços atuais registrados na literatura sobre sequências textuais, marca a sua compreensão sobre o tema de forma multiperspectivada e aponta caminhos para a abordagem do tema em sala de aula.

Em *Os sentidos do texto*, Cavalcante (2012), respaldada em estudos de Adam (1992), pontua que uma sequência textual: 1. tem uma organização interna; 2. constitui-se em um modelo prototípico; 3. é relativamente autônoma; 4. pode ser “dominante” ou “dominada” (ou inserida) em relação às demais sequências, a depender do gênero textual ou dos propósitos enunciativos; 5. desempenha funções específicas; 6. pode entrar na composição de um texto em conjunto com outras sequências textuais, caracterizando o que vem sendo denominado heterogeneidade composicional.

Nessa publicação, Cavalcante descreve, discute e apresenta exemplos de sequências narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, injuntiva e dialogal (Cavalcante, 2012, p. 65-78). No entanto, essa classificação de sequências textuais é revista e ampliada em *Linguística textual: conceitos e aplicações* (Cavalcante et al., 2022), em decorrência de atualizações conceituais propostas por Adam (2019) e sugeridas pelas reflexões do Grupo Prototexto, especificamente relacionadas às sequências dialogal e injuntiva.

Quanto à sequência dialogal, Cavalcante et al. (2022, p. 233) consideram que “seja desnecessário manter a classificação de sequência dialogal, porque a ela não se associa o propósito do gênero em que se insere”, uma vez que a sequência dialogal “está a serviço geralmente de uma outra sequência, a qual pode realizar uma macroação de narrar, descrever, explicar ou argumentar”.

Já no que diz respeito à sequência injuntiva, os autores da obra concordam com o posicionamento de Adam (2019), segundo o qual a injunção passa a ser compreendida e descrita em relação a textos de incitação à ação que têm em comum um discurso procedural ou procedimental. Em uma discussão anterior sobre o assunto, no artigo “O ensino em textos de incitação à ação: um olhar argumentativo”, Cavalcante e Brito (2020, p. 130) fazem a seguinte ponderação:

Talvez até seja mais sensato considerar sempre a possibilidade de mescla dos conselhos-recomendações e das instruções procedimentais, o que não nos impede de separar os textos de incitação à ação em dois grupos: aqueles que variam da recomendação ao conselho, ou à regra; e aqueles em que domina o caráter instrucional, pelas finalidades a que se prestam, [...] que atualizam, respectivamente, um domínio mais próximo do conselho e um domínio do procedural.

Além disso, as autoras defendem que esses textos não apenas apresentam certos componentes semântico-pragmáticos em comum com a finalidade de orientar para procedimentos a serem seguidos, como também se deixam marcar por uma “voz autorizada a se expressar e não estar aberta a discussões” (Cavalcante et al., 2022, p. 239).

No elenco dessas características, encontra-se embutida a defesa do posicionamento de que a incitação à ação pode também ser pensada num plano que,

não se restringindo ao composicional, contempla o argumentativo-discursivo, considerando a intencionalidade de levar o interlocutor a um fazer, quer por um aconselhamento/recomendação, quer por uma instrução, como bem discutido e exemplificado nas produções referidas, cuja leitura é recomendada, pois chamam a atenção para a relevância do tema e da abordagem proposta para a prática em sala de aula.

No vasto conjunto das produções de Cavalcante, os trabalhos anteriormente referidos servem significativamente para exemplificar o quanto o ensino era parte integrante da agenda da linguista de texto e professora Mônica Cavalcante. Em 35 anos de dedicação de Cavalcante ao magistério superior, foram 59 artigos publicados; 28 livros; 45 capítulos de livros; 36 orientações de mestrado; 23 de doutorado; e 30 de iniciação científica, todas concluídas.

Cavalcante atuou intensamente na graduação e na pós-graduação, formando mestres e doutores, e incentivando graduandos em Letras ao exercício da pesquisa e do ensino. Marcou em suas muitas ações o compromisso seu, de professora e pesquisadora, com a educação pública, inspirando muitos alunos e orientandos; muitos professores e pesquisadores; muitos colegas e amigos. E em todo o seu fazer, uma certeza: “Todo o programa analítico da Linguística Textual tem como finalidade última afetar o professor que, na ponta final, lidará com o ensino de interpretação e produção textual” (Cavalcante, 2023, p. 185).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este artigo, intencionamos apresentar as linhas gerais da proposta de Mônica Cavalcante e seus colaboradores sobre os aspectos teóricos que envolvem o texto em contexto. Trata-se de uma ação de pesquisa importante para que se firmem alguns princípios essenciais do trabalho da autora, o qual propõe um programa investigativo para a LT praticada no Brasil. Com isso, destacamos a incontestável vocação científica de Cavalcante: criar novas perguntas e pô-las a teste na empiria dos dados.

Ousamos dizer que, para Cavalcante, o futuro da LT se pautará pela continuação da relação entre o texto e o contexto, entendida como fundamental para o funcionamento social e a construção dos seres humanos como constitutivamente gregários. É a interação com os outros que define a nossa espécie; e o desvelamento das relações, sempre instanciadas pelas linguagens, nos ajuda a compreender a argumentatividade que faz o mundo girar. Num plano utópico, e ligado à educação, podemos pensar que esse movimento contribui para que sujeitos mais críticos, imbuídos da necessária ética, possam atuar para a urgente mudança social.

Que as pesquisas da área continuem a se beneficiar da visão singular e complexa de Mônica Cavalcante. E que seu legado seja mantido como prática investigativa pertinente e frutífera. E que os seus colaboradores continuem entusiasmados para combater o bom combate.

MÔNICA CAVALCANTE'S LEGACY TO BRAZILIAN TEXT LINGUISTICS

Abstract: This article aims to present the general lines of Mônica Cavalcante's theoretical-methodological proposal for text linguistics, focusing on coherence

in context. The presentation highlights four defining factors of contextual relationships: discourse, argumentation, communicative contract and technodiscursivity. The way in which these elements overlap is illustrated through an analysis of a video posted on social networks. Furthermore, the impact of the author's ideas on the relationships between text linguistics and Portuguese language teaching is also shown.

Keywords: Text. Coherence. Context. Text Linguistics. Portuguese teaching.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J.-M. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Naham, 1992.
- ADAM, J.-M. *Textos, tipos e protótipos*. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante et al. São Paulo: Contexto, 2019.
- AMOSSY, R. Argumentação e análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. *EID&A*, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, nov. 2011.
- AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. Tradução Eduardo Lopes Piris et al. São Paulo: Contexto, 2018.
- BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BEAUGRANDE, R.-A.; DRESSLER, W. *Introduction to text linguistics*. London, New York: Longman, 1981.
- BENVENISTE, Ê. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- CAVALCANTE, M. M. *Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos*. 205 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.
- CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 44, p. 105-118, jan./jun. 2003.
- CAVALCANTE, M. M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAVALCANTE, M. M. Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAPISTRANO JÚNIOR, R.; ELIAS, V. M. (org.). *O que é e o que faz a linguística textual*. Natal: EDUFRN, 2023. p. 168-192. (Coleção “O que é e o que se faz”, v. 1).
- CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. O ensino em textos de incitação à ação: um olhar argumentativo. *Revista Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 11, n. 1, p. 121-136, 2020.
- CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; CUSTÓDIO FILHO, V. Interatividade e ciberviolência – o ensino de tecnotextos. In: ELIAS, V. M.; CABRAL, A. L. T.; SOARES, A. P. (org.). *O descritivo e outros temas: uma homenagem a Sueli Cristina Marquesi*. Campinas: Pontes Editores, 2023. p. 87-101.
- CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.
- CAVALCANTE, M. M. et al. Desafios da linguística textual no Brasil. *Intersecções*, Jundiaí, v. 18, n. 1, p. 7-25, fev. 2016.

- CAVALCANTE, M. M. *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. *(Con)textos Linguísticos*, Vitória, v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019.
- CAVALCANTE, M. M. *et al.* *Linguística textual e argumentação*. Campinas: Pontes, 2020.
- CAVALCANTE, M. M. *et al.* *Linguística textual: conceitos e aplicações*. Campinas: Pontes, 2022.
- CHARAUDEAU, P. O contrato de comunicação na sala de aula. Tradução Cristian Nicolas Gouraud. *Inter-Ação*, Goiânia, v. 37, n. 1, p. 1-14, jan./jun. 2012.
- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- CUSTÓDIO FILHO, V. *Expressões referenciais em textos escolares: a questão da (in)adequação*. 2006. 110 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- HANKS, W. F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. Organização Anna Christina Bentes, Renato C. Rezende e Marco Antônio R. Machado. São Paulo: Cortez, 2008.
- HARDER, C. *Histórias enigmáticas: 50 casos enigmáticos para farejadores perspicazes*. Ilustração Helmut Kollars. Tradução Rodrigo Martins. 6. ed. São Paulo: Galápagos, 2019.
- KOCH, I. V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.
- KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MUNIZ-LIMA, I. *Modos de interação em contexto digital*. 2022. 179 p. (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.
- OLIVEIRA, F. C. C. *Um estudo sobre a caracterização do gênero redação do Enem*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.
- PAVEAU, M.-A. Realidade e discursividade: outras dimensões para a teoria do discurso. Tradução Jéssica Oliveira Fernandes e Rafael Lima de Oliveira. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (org.). *Texto, discurso e argumentação: traduções*. Campinas: Pontes, 2020. p. 15-40.
- PAVEAU, M.-A. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Organização Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes Editores, 2021.
- RABATEL, A. *Homo narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa*. Tradução Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi e João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2016. v. 1.

SÁ, K. B. *Coerência e articulação tópica: uma análise a partir de redações do Enem. 2018.* Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

TEIXEIRA, J. F. *Estratégias de referência em textos multimodais: contribuições da imagem na construção referencial do infográfico.* 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.